

10.12.56



ATÉ Amanhã

★★ de RUBEM BRAGA ★★

BARRETO

Foi numa churrascaria modesta que nos juntamos uns 40 ou 50 amigos para comer e beber em volta dos 50 anos de Barreto Leite Filho; houve algumas falas — Mário Pedrosa, Guilherme Figueiredo, Fernando Carneiro, Pontes de Miranda e afinal o homenageado leu um pequeno discurso melancólico, a falar de seus 34 anos de jornalista. Melancólico, mas não queixoso; melancólico, mas cheio de dignidade e de um secreto orgulho o discurso desse homem pobre e solitário que ficou fiel à sua profissão.

Conheço Barreto há uns 20 e tantos anos, e de saída não simpatizei com seu ar de importância, sua maneira de falar como quem está ditando uma aula. Só depois vi que a maneira não era o homem. Falava e fala assim, como quem não admite réplica. Mas se alguém lhe opõe um argumento ele não se fecha na sua idéia; examina o argumento do outro, estuda-o, aponta alguma falha que tenha, aceita o que lhe parece aceitável, reconhece o que lhe parece verdade. Essa honestidade intelectual, esse permanente aprêço pelo espírito de crítica se combinam, nesse homem aparentemente vaidoso, a um sincero, fundamental desprezo pelas pompas do mundo, pelas conquistas fáceis do dinheiro e do poder.

Nestes tempos em que a imprensa, como toda a sociedade, pulula de arrivistas e vigaristas de toda a espécie (como o Brasil anda fácil!) é bom sentar à mesa

desse boêmio austero, desse veterano das madrugadas de jornal, desse príncipe da longa tarimba da reportagem e do comentário.

Sua incapacidade de ser um «homem prático» não fez de Barreto, aos 50 anos, um amargo; apenas irônico e se diverte mais que se acabrunha com os saltos dos paraquedistas que tomam de surpresa as posições do jornalismo; da política, da literatura. Sabe que no fundo eles são uns infelizes e acabam pagando a alegria dos êxitos fáceis e dos golpes inescrupulosos com aquela angústia, aquela insegurança fundamental de quem falsifica a própria vida, aquele vazio interior, aquela indigência sentimental, aquela miséria íntima de afeto e confiança dos que, para «vencer», tiveram de abrir mão do que tinham de melhor em si mesmos.

Foi bom estar ali ao lado do velho Barreto, probo, lúcido e sereno.

A muitas e muitas coisas ele renunciou para ser fiel a si mesmo e à dignidade de seu ofício. É bom sentir que ele não se arrepende disso.

Saúdo nele não apenas o colega mais velho em quem um dia descobri a bondade e a delicadeza secreta sob o ar de arrogância que é apenas uma defesa e um disfarce de pudor; saúdo um homem íntegro e harmonioso que chega aos 50 anos sem ter produzido obra alguma porque seu ofício foi construir com a areia do quotidiano; mas que pode apresentar aos mais moços essa bela e nobre construção que é ele mesmo, seu caráter e sua vida.